

O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 16.

SABBADO 21 DE JULHO.

1860.

EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

XII.

Anacleto e Coriolano eram dous irmãos de genios bem differentes; e posto que com ambos se esmerassem egualmente na educação os virtuosissimos progenitores, um sempre se mostrou tão differente do outro, que tratados, ninguem diria procederem do mesmo tronco; e isto não se limitava apenas no moral, pois que mesmo physicamente encarados, eram tão dessemelhantes como o figo da banana.

Coriolano era alto, robusto, esbelto e agamenhado, ao passo que seu irmão de estatura menos que o regular, era demasiadamente magro, pallido, atrigueirado, timido ou vergonhoso, e parecia não dar o menor cuidado á elegancia, quer nos trajés, quer no andar. Aquelle de um bello rosto e chaméjantes olhos, era de todos notado quando passava, e a todos minuciosamente observava com olhar insinuante.

Anacleto, porém, desaperebidamente ia andando o seu caminho, sem ousar mesmo erguer seus olhos para janella em que alguém estivesse. Elle era calmo, pensador e de uma modestia excessiva; evitava a menor questão; e a humidade de que sempre andava revestido, o mais das vezes, fazia atrahir sobre elle juizos desfavoraveis.

Si nunca criara um só inimigo, tambem não contava amigo algum, desses enthusiasmas e calorosos. Fugia de reuniões; e poucas vezes estava ausente do seu quarto. Um pensamento o dominava, que nem mesmo se atreveu jamais communicar-o a alguém.

Dotado de grande vivacidade, Coriolano era ao mesmo tempo pouco estavel nas suas emprezas e nos seus desejos; a sua volubildade o fazia voar de conquista em conquista, de um a outro opposto pensamento. Era afouto, temerario mesmo, e dotado de grande verbosidade, ás vezes se tornava gárrulo em demasia. Muito dado ás sociedades, não havia reunião que elle não frequentasse; theatros, bailes e partidas não perdia uma

só. Jovial com todos, de maneiras attractivas, polido e ao mesmo tempo jocosos; fazia-se si não estimar de todos, ao menos ser apreciada e agradavel a sua companhia. Garboso no andar, e vestindo-se sempre com refinado gosto, era o Leão dos bailes.

Amava loucamente a quitação; e já em um ou em outro formosissimo cavallo, o verieis percorrendo as ruas da cidade ou galopando ou trotando pelos arrebaldes. A caça, a pesca, e todos os divertimentos que requerem energia e fadiga, amava-os apaixonadamente; e em quanto Anacleto só gastava para encher a sua bibliotheca de alfarrabios e obras raras, elle consumia uma somma enorme annualmente com os seus podengos, com armas, modas, e mil outros sorvedouros de moeda.

Bem lá'o diziam os seus amigos, companheiros dos prazeres e folias: «És rapaz de ideal sublime, rei do Bom Tom como se deve; Anacleto nem parece ser teu mano, fez-se jarreta antes de tempo; é um tólo que não sabe como tu desfructara vida e o avultado cabedal que tambem possue. É um exquisitão a quem a mania dos livros ainda o põe de todo louco. Tu é que sabes gastar com gosto; e é isto a verdadeira poesia da vida. És um grande poeta, cuja vida será a mais bella das epopéas, da qual são sublimes versos esse teu refinado gosto, tuas gentis maneiras e acções de cavalheiro. Dizes mais em qualquer dos actos teus, do que tudo que de mais bello escreveram Danto ou Milton. E esse teu todo offusca o que de mais sublime se tem dito. Que espada conquistou mais do que o teu garbo? Que eloquencia convenceu tanto como os teus modos? Que poesia sublimisa como o teu gosto!!! És um heroe maior que Bonaparte; empregas eloquencia mais poderosa que a de Demosthenes; e és maior poeta do que todos os grandes epicos. A conquista é sempre tua, como poderosos são todos os teus meios; és um genio sem rival.»

E na verdade Coriolano fôra dotado pela natureza e pela fortuna de dons não mui communs; os seus aduladores tinham bem donde tirar thema para as suas lisonjas; e elle bem do que lisongear-se. Não assim Ana-

cleto, que posto ser co-herdeiro de uma grande fortuna, lhe era bem differente na apparencia, no genio e nos costumes.

Ambos ficaram bem moços entregues ao seu dominio.

O Marquez de Guaxinduba morrêra antes que algum destes seus dous filhos chegasse aos vinte annos; cá fortuna collossal que lhes deixára, em menos de um anno se veio reunir a de seu irmão mais velho, que tambem era avultada, e que em testamento elle deixou aos seus sobrinhos. Tão jovens, sem carreira ainda começada, e herdeiros de cabedal tamanho, nada haveria de mais natural do que entregarem-se aos prazeres e aos gozos materiaes do mundo. Trabalhar é só para quem necessita; ambicionar posição ou nome, só o faz, quem nem uma, nem outro tem; e os filhos do Marquez de Guaxinduba por certo que não estavam nestes casos; eram fidalgos e ficaram senhores de grandes cabedaes.

Que vida, pois, levaram elles; como sustentaram a fidalguia e empregaram a riqueza enorme? É o que passamos a narrar.

(*Continua.*)

O casamento.

Bem jovem era eu quando assisti, entre dous amigos, a seguinte conversação intima que então escrevi, e ora dou a publicidade:

—Sabes, dice um delles, que vou casar?

—Sim, acodio o outro, com uma das lindas filhas do coronel V...

—Com a mais velha.

—Ah!

—Que tens a dizer-me?

—Nada.

—Como! Pois não approvas?

—Nem reprovoo.

—Porque te fazes assim tão neutral?

—Em decifração do futuro não sou forte; e nada mais banal que as felicitações por um acto que pode se tornar origem de infortúnios, e de que vejo tanta gente arrependida.

—Entretanto és casado, e...

—E provavelmente me recasaria si tivesse a desgraça de enviivar. Comigo é outra cousa: dou-me optimamente.

—E julgas que eu...

—Não julgo nada; já dice á teu respeito não affirmo, nem nego, não me pronuncio pro nem contra;—abstenho-me de opinar.

—Mas eu queria consultar-te!... Vejo porem que tens alguma má informação que estás occultando.

—Affianço que não.

—Ah! Es egoista... Temes te comprometter!...

—Espera; declarar que não se tem opinião não é asseverar que não se virá a tel-a, e nem recusar enuncial-a.

—O que é mister para que venhas a ter opinião?

—Que me forneças os dados que me faltam.

—E esses dados são...

—A resposta á uma simples pergunta.

—Figuremos uma hypothese.

—Vamos a ella.

—Sim, uma boa hypothese em que sem ferir susceptibilidades descrevas á alguém;—talvez á mim proprio.

—Imagina que duas moças irmãs...

—Por exemplo as duas filhas do coronel V.

—São ambas morenas, coradas, olhos e cabellos negros...

—Bocca de perfeição inimitavel, muito engraçadas, muito lindas, espirituosas, joviaes, afaveis.

—Teem identica estatura, e ar; rosto quasi da mesma conformação, e a voz perfectamente igual...

—E' isso mesmo;—minha noiva, e futura cunhada.

—Mas que apesar de tão grande semelhança sobresaem no caracter das duas moças differenças taes que dirias existir entre ellas um abysmo que as separa.

—Não ha duvida, são as filhas do coronel V. que pintaste com mão de mestre; somente como os retractos sahiram muito fieis não lhes poens os nomes.

—Suppõe que a irmã mais velha conta 19 annos de idade, e a outra cerca de 18...

—Perdão, minha noiva tem apenas 17, e a irmã 16 incompletos.

—E que a mais moça vive sempre folgazã, sorri a todo proposito, mostra-se feliz ao ver-te, te acaricia, e no decurso do tempo consegue que ella chegue á te amar com amor fervido, celestial, cheio de devotação, sacrificando tudo por ti...

—Diabo! Onde é que me queres levar com minha futura cunhada?!

—Suppõe que ella é a ingenuidade e candura personificada, e bella como a amada que o poeta phantazia.

—Assaz á seu respeito, falla-me agora da outra, da minha noiva.

—E que a mais velha diversifica no genio;—não é assim contigo. Mostra-se ás vezes ainda em tua presença melancolica sem cou-

sa, com frequencia descontente, e por pequenas cousas enfurecida talvez. Trajando sem gosto, em desalinho...

—Olha que estás carregando muito a mão!

—Figura-te que ella é belleza visivelmente fanada, e que seo amor não vae alem de pura amizade, mas amizade que propende a attribuir-te os males que lhe sobrevem, e muita vez a degenerar em martyrio...

—Decididamente não alludes a minha noiva ou então, muito te illudes...

—Não me refiro ás duas filhas do coronel V. Onve para diante.

—Está visto: não podias ser tão injusto com a mais velha.

—E' ocioso perguntar a qual das moças que descrevi tomarias livremente por esposa.

—Está claro.

—Mas concede que o teu máo fado te faria um dia amanhecer marido da mais velha...

—Apre! Logo essa...

—Senturias a coragem de conviver com ella sempre abandonado aos deveres conjugaes sem tibieza nas relações, intermittencia na fidelidade, queixume na devoção?

—Nunca, não teria forças para soffrer essa mulher por um segundo,—eu me reputaria perdido para sempre e maldiria minha sorte; porque semelhante união seria o tormento de nós ambos. Felizmente a nenhuma das filhas do coronel V. se applica qualquer dos traços d'esse hediondo quadro!

—Não obstante deves ficar solteiro.

—Então porque?

—Não percebes?—As duas moças não são imaginarias. Ellas existem, mas constituem uma só, e unica pessoa, em duas epochas distinctas da vida. A mais jovem é a esposa vista no estado de solteira, e a mais velha é a noiva dous annos depois de casada.

—Que dizes?...

—Mal conheço a tua futura, nenhum empenho tenho em calumniar-a e encarando-a sob os dous aspectos talvez ainda muito a li-songeasse.

—Não digas tal!...

—Ja o dice... Mas não te offendas, repito nunca tive a honra de a ver de perto, nada sei do seu character, e fallo em these.

—Es um pessimista!

—Acredita-me, a poesia do consoreio se esvâe com a lua de mel, e assim deve ser!

—E dizes que assim deve ser!...

—Digo, sabes porque? Porque assim o é. As cousas existem porque devem existir. Ves que sou optimista.

—Si não tens outra razão á dar...

—Essa é a melhor, mas escuta. Deos faz de uma moça na quadra interessante em que ella deve ser esposa a mais bella de suas obras, o primor da natureza, e imprime-lhe um poder de seducção irresistivel, para que não falte quem queira tomar sobre os hombros essa pezada cruz, porque Deos quer que a raça humana se perpetue. O encanto das moças é pois cilada armada á inexperiencia ou illusões da juventude sempre apaixonada pela belleza physica, arrastada pelas apparencias. Logo porem que a missão providencial está finda, que em cada individualidade a raça escapa ao perigo, a belleza se evapora na mulher, e ao marido vem o desengano. Assim devia ser porque Deos escreveu no Decalogo:

«*Não desejarás a mulher de teu proximo*»

—Tens razão, morta a belleza, extincta a seducção, reina a paz no lar domestico. A mulher não será cubicada, e o marido aprende que se quizer se indemnisar da perda, terá em novo amor belleza igualmente ephemera, e mais outro desengano.

—Não obstante todo o homem na perigrinação da vida deve tomar uma companheira.

—Tambem penso assim. A união dos sexos é lei imposta ao seres de todo reino animal, e a base de sua subsistencia. Prescripta á humanidade inteira como sacramento sob o nome de matrimonio, a reserva é só para uma classe, e ainda a subordinação d'essa ao isolamento do celibato ás vezes por allucinação da intelligencia chego a suppor que torna o Ser Supremo legislador contraditorio, e me pareceria uma dessas aberrações do espirito humano á que a razão desapixada se recusa si porventura não fora tão robusta a minha fé nos preceitos da Igreja.

—O que cumpre na escolha de uma esposa é preferir aos dotes physicos os do coração que são immorredouros. Por isso é uma verdade sedicã, mas que nada perde em ser repetida:—os paes devem muito se esmerar na educação das filhas.

—Felizmente o coronel V. soube formar o coração das suas; e eu preso-as mais pelo character, do que pelas perfeições physicas de que são ambas prendadas.

—Nesse caso auguro bem do teu consorcio, approvo-o, e dou-te os parabens; porque no dia em que tua noiva realisar a imagem que della fiz, dous annos depois de casada, não serás nunca qual ainda ha pouco, calumniando-te, te mostraste para com ella.

D. M.

A vingança d'um irmão.

(Continuado da p. 122)

• Voltei para o Rio de Janeiro. Eu sabia que o pai de Dulce era pobre e que pobres seriam as indagações da justiça para desagralar-o...

• Quiz esquecer que vivia... Entranhei-me, como um louco, nos jogos,—nas devassidões de toda casta... Nada!... Aquella scena de sangue, aquella idéa de morte queimava-me o cerebro, enchia-me os sonhos de phantasmas lugubres... Ria-me de insania... chorava de saudade... Era horrivel a vida que eu levava!...

• Um dia, a imaginação exaltada dictou um epitaphio á memoria da assassinada. Ei-lo:

I.

Já tive sonhos doirados,
Meus sonhos foram sonhados
Pela virgem que eu amei:
Era um sentir ebrioso,
Foi um amor criminoso
Aquelle affecto que lhe dei.

Amei-a ouvindo-a fallar
Quando brilhava o luar
Lá na mansão do Senhor:
Ajoelhado diante d'ella
Jurei ser a mais bella—
—A perfeição do Creador.

Sentia todo meu ser
Desvairar-se, enlanguecer,
Voar a outra região:
Quando sua voz cantava
Harmonias que eu cuidava
Só existir no coração.

Quizéra na voz cadente,
Naquelle magico ambiente
Beber-lhe um longo beijo!
Quizéra que ella me amasse
Que comigo partilhasse
A ardencia do meu desejo!..

Qual flor as gotas do céu,
Quizéra que o peito seu
S'expandisse ao meu amor;
Vertera-lhe puros cantos
Como a aurora verte prantos
No seio da linda flor!..

Perante noite estrellada,
Silenciosa e perfumada
Beijei aquella innocencia...
Amou-me a virgem mimosa
Embevecida e mais formosa
Sagrou-me a sua existencia.

E nas noites de luar
Quando a ouvia descantar
Unira ao peito meu!..
Inibriado d'aquelle amor;
Do perfume d'aquelle flor
Me desmaiava no joelho seu.

.....

Mas a virgem perjuro...
E o que é amor de mulher?..
Encanto que passa sorrindo
Embriaga e faz morrer...
.....

II.

Silencio!... Não mais meus cantos
Se voltem para o passado...
Afoguemos nas ondas do vinho
Aquelle sentir malfadado!...

Só quero o amor das perdidas,
Dormir-lhes no leito venal
Quando o cerebro se escandece
N'uma louca saturnal!...

Quando exausto a luz me foge,
E das trevas o cortejo passa
Quero saudar-lhes a vinda
N'um ambiente de fumaça.

Quero rir-me das donzellas
Que, a noite, em segredo choram...
Castos anjinhos dos céus...
Por prazeres se devoram...

Quem ama—quer o prazer,
Quem ama—quer alegria:
Amor só existe no goso
Sem o goso é uma utopia!..

E' bello ao clarão da orgia
Nos joelhos pousar a belleza,
Soltar-lhe os longos cabellos,
Das formas sonhar-lhe a pureza...

E apoz tantas loucuras
Inda bella e palpitando
Ardermos no fogo do vinho
E dormir e amar sonhando...

E acordar e viver nos vícios
E da humana virtude descrêr...
Enigma insolúvel que o homem
Embalde procura solver...

A orgia—eis o meu culto,
A taça—eis meu altar,
O vinho—eis o meu Deus,
A mulher—eis meu orar...

III.

E com tudo um pensamento,
Do passado um sentimento
Na orgia me faz parar...
E' uma voz de mulher
Qu'embalde tento esquecer
Dos vícios no desvairar!...

Ante mim s'abre a tumba,
E dentro uma voz retumba
De cadaver ensanguentado!...
Arrepiam-me o cabelo
Em balde quero esquecer-o
Aquelle corpo interessado!...

E' o da mulher qu'eu amei,
Que insano eu apunhalei
Quando de mim zombava!...
Inda soam-me nos ouvidos
Seus ais tão doloridos
Quando a vida lhe escapava!

Ei-la allí toda sanguenta,
Ei-la allí que se lamenta
Que se estorce na agonia!...
E' aquella a sua visão
Que s'alevanta e com a mão
Me aponta sua campa fria!...

IV.

Bebamos!... E' um sonho esta visão!...
Quero rir-me da sua agonia,
Cantar-lhe sobre a campa de morte
Um canto de louca alegria!...

Quero atirar-lhe sobre a lousa
Flores da orgia—murchas flores!...
Ao tenir das taças quebradas
Quero lembrar-lhe nossos amôres!...

Nem quero que o somno da morte
Tranquilla possa gosar;
Ouvirá das perdidas o rizo
Nossos beijos—nosso folgar!...

Exhaustos dormiremos na terra
Que cobre o cadaver seu...
Zombaste de mim na vida
Da tua morte zombarei eu!...

Silencio!... Não mais meus cantos
Se voltem para o passado!...
Afoguem nas ondas do vinho
Aquelle sentir malfadado!...

.....
• Depois parti para S. Paulo.

• Ao aproximar-me da chacara do Sr. Gonçalves, vendo estes lugares tão meus conhecidos, o coração foi-se-me apertando no peito a medida que o meu passado da infancia ia surgindo com todos os seus encantos, risos e innocencias.

• E então pude comparal-o ao meu passado de loucuras: que differença! O coração se me apertava cada vez mais no peito.

• Quando entrei, e vi aquellas pessoas que me tinhão sido tão charas senti que ainda o eram... e as lagrymas correram a vontade!...

• O Sr. Gonçalves extranhou a minha vinda, vi-o mesmo estremecer descorando quando me avistou; D. Angela abraçou-me com acanhamento; e Julia... Julia me disse: Senhor Henrique... Eu era, pois, uma pessoa quasi desconhecida para elles, uma pessoa que se senteria perder mas que se não quer tornar a ver!...

• No dia seguinte o Sr. Gonçalves foi a cidade; e quando voltou me disse—que eu poderia hoje mesmo mudar-me para uma casa que lhe pertencia, sita na rua de... Entendi o convite, e nesse mesmo dia fui tomar conta da minha habitação.

• O que ia pelo meu coração só eu o sabia...
.....

Eis ahí o que, em resumo, se continha no seu diário. O mais já os leitores sabem.

Agora os factos se passam no presente, e nós vamos indagal-os para lhos narrar.

(Continúa.)

A enxada de insectos

POE F. COOPER.

CARTA I.

A' S. Ex.^a o capitão-general e governador da Nova-Galles do Sul.

Port-Jackson, 21 de Junho de 1848.

Vossa Excellencia acaba de nomear meu amigo Broughton, para fazer parte, na qua-

lidade de naturalista, da expedição que deve partir para O-Wahu. Eu tinha o mais vivo desejo de tornar a ver esta illha, onde não foi possível demorar-me tempo bastante para completar observações que são do maior interesse para as sciencias naturaes. Já estamos, M. Broughton e eu, habituados á trabalhar juntos e tomar parte commum nos resultados de nossas pesquisas. Por isso, peço á V. Ex.^a queira permittir-me que acompanhe meu amigo Broughton na expedição de O-Wahu.

Sou, com o mais profundo respeito, etc.

J. MENZIES.

P. S. Juncto meus votos aos de meu amigo Menzies, e supplico á V. Ex. que una-o á mim na expedição de O-Wahu. E' só com o concurso d'este companheiro fiel e dedicado que poderei justificar as esperanças que se ha fundado em-meus trabalhos.

A. BROUGHTON.

CARTA II.

Resposta do governador.

Vejo com sensível prazer, meus senhores, a sciencia estreitar os laços de vossa amizade. Tão nobre alliança, uma conformidade tão perfeita, não pôde deixar de produzir os mais bellos fructos. Consinto de muito boa vontade que M. Menzies faça parte da expedição de O-Wahu, si bem que a tripulação da *Descoberta* esteja completa e haja pouco lugar n'este navio. Passo immediatamente á dar ao capitão Bligh as ordens necessarias. Sou, etc.

O Governador.

CARTA III.

John Menzies á Edward Johnston, em Londres.

A' bordo da *Descoberta*, 2 de Julho de 1818.

Tendes razão, meu caro amigo; a ultima vez que vos escrevi, estava com effeito soffrendo de um ataque de *spleen*. A vida que levava em Port-Jackson causava-me um tedio de morte, e meus pensamentos encaminhavam-se com amargas saudades para O-Wahu, o delicioso paraizo que eu acabava de deixar. Meu sabio amigo Broughton era, por suas conversas cheias de attractivos, o unico capaz de distrahir-me e entreter o meu amor pela historia natural; mas elle dese-

java, como eu, sahir de Port-Jackson, onde não havia alimento de qualidade alguma para o nosso ardor scientifico. Já vos observei, parece-me, que tinham promettido á Teimotú, rei de O-Wahu, um bello navio que devia ser construido e fretado em Port-Jackson. Logo que elle foi lançado ao már, o capitão Bligh teve ordem de conduzi-lo á O-Wahu e demorar-se ahi o tempo sufficiente para acabar de conciliar para com o governo britanico as boas graças de Teimotú. Como palpitava-me o coração com a idéa de fazer parte da expedição, e qual não foi o meu desespero em sabendo que Broughton ia partir só!

A *Descoberta* é um navio de tamanho regular, e pôde contêr apenas o numero indispensavel de officiaes e marinheiros; vi-me eu, pois, retido contra a vontade em Port-Jackson; porém, tão calorosamente serviu-me o meu nobre e sincero amigo, que o governador annexou-me á expedição. O sobrescripto d'esta carta indicar-vos-ha que nossa viagem já está começada.

Oh, encantadora vida que me espera! Meu peito dilata-se de esperança e desejo, quando penso que cada dia, cada hora, ha de a natureza abrir-me seus thezouros, que poderei appropriar-me de mais de uma maravilha ignorada, tornar-me senhor de muitas riquezas escapadas ás investigações dos outros naturalistas!!!

Vejo-vos d'aqui sorrindo com ironia do meu entusiasmo; ouço-vos gritar:—Verão que elle ha de trazer na algibeira algum zoophito desconhecido; mas si eu lhe pedir contas dos uzos e costumes estrangeiros; si eu quizer obter d'elle informações despresadas pelos narradores de viagens, por unica resposta ha de mostrar-me uma tanga e collares de coral. Suas moscas, seus besouros e suas borboletas fazem-lhe esquecer os homens.

Achais extravagante, bem sei, que minhas pesquisas tenham por unico objecto os insectos. Concorde: o poder eterno tão completamente infundiu em minhas faculdades a paixão pela entomologia, que esta inclinação é a principal manifestação de minha personalidade. Não me reprehendaes, todavia, por eu desprezar os homens, os parentes, os amigos. Minha paixão nunca me arrastará tão longe como á certo tenente-coronel hollandez, cuja historia quero contar-vos, á fim de desarmar-vos de todo, pon-do-vos em estado de me comparardes com um amator á todo transe de entomologia.

Este velho militar, com quem travei relações em Königsberg, não via no universo senão os insectos. Como membro da sociedade humana, nada tinha de notavel á não ser uma avareza sordida e a idéa fixa de que seria um dia envenenado por um pão de cevadinha. Todas as manhãs, preparava e cosinhava elle mesmo um pãozinho, levava-o consigo quando ia jantar fóra de casa, e nunca era capaz de aceitar d'outro. Eis aqui uma amostra de sua avareza: andava com os braços afastados do corpo, para que o attrito não estragasse a farda surrada. Este velho não tinha outro parente além de um irmão mais moço, domiciliado em Amsterdam, e que não o via para mais de trinta annos. Desejoso de tornar á ver seu mano mais velho, o de Amsterdam pôe-se á caminho para Königsberg. Entra no gabinete do velho. Este, sentado diante de uma meza e a cabeça inclinada, examinava com o microscopio um pontinho preto n'uma folha de papel. O irmão mais moço solta um grito de alegria e quer atirar-se nos braços do observador, o qual, sem voltar os olhos, faz-lhe signal com a mão para que não se approxime, e impõe-lhe silencio repetindo tres vezes:—St! st! st!—Que tens? exclama o irmão mais moço, teu irmão Georges está em tua presença! Acaba de chegar de Amsterdam de proposito para ver ainda uma vez no mundo aquelle que ha trinta annos elle não vê. O velho, sempre immovel, murmura de novo:—St! st! st! o animalzinho está morrendo. O irmão mais moço percebe então que o ponto negro é um bichinho que se debate nas convulsões da agonia. Respeitando a paixão de seu irmão, elle senta-se em silencio á um lado. Passa-se uma hora sem que o naturalista se desranje e digne-se conceder um olhar á seu irmão. Este levanta-se bruscamente, sahe do quarto disparando uma tremenda jura hollandeza, toma a posta e volta para Amsterdam sem que o velho tivesse consciencia do que se havia passado.

Pois bem, Edward, interrogae á vós mesmo; si apparecesseis de repente em meu beliche, no momento em que eu estivesse absorvido na contemplação de um insecto curioso, não largaria eu o meu estudo para precipitar-me em vossos braços?

Não vos esqueça, meu caro Johnston, que é a classe dos insectos que offerece mais mysteriosas maravilhas. Dixo meu amigo Broughton entregar-se ás plantas e aos animaes de ordem superior; quanto á mim, as-

sentei minhas tendas no meio d'esses séres estranhos, e muitas vezes impenetraveis, que formam uma transição, uma sutura entre as plantas e os animaes. Mas, já basta; não quero importunar-vos mais, e, para dar-vos na baldia poetica, vou citar-vos uma seductora imagem d'um escriptor allemão:—Os insectos, diz elle, com suas brilhantes côres são flores em liberdade.

Quanto ao mais, para que justificar tão longamente minhas inclinações? E' para persuadir-me á mim mesmo que o meu zelo pela sciencia é o unico motivo que me arrasta para O-Wahu? Não é antes para frustrar um presentimento que me agita? Sim, Edward, penso que está para succeder-me uma ventura inaudita. N'este momento em que vos escrevo, esse presentimento agita-me com tanta força, que não posso continuar. Ides tomar-me por um visionario, mas que fazer? leio em minh'alma, em caracteres lucidos, que devo achar em O-Wahu a maior das felicidades ou a mais inevitavel das desgraças.

Vosso
JOHN MENZIES.

MOSAICO.

Uma espirituosa, linda e encantadora filha de um livreiro amava extremosamente um mancebo de mui bellas prendas, que se havia dedicado á arte de impressor e que, sendo proprietario de uma rica typographia, tinha estreitas relações co o seu paé. Um dia o moço dirigiu-se á casa do livreiro, porém este havia sahido, e a meiga e ingenua filha recebeu a sua visita. O que elles diriam, achando-se a sós, deixamos á imaginação dos leitores: nós fazemos uma pequena illéa e por isso diremos o mesmo que o immortal Camões:

Melhor é experimenta-lo que julgá-lo.

Mas julgue-o quem não pôde experimenta-lo. A conversação lindou com satisfação para am os, pois a moça, appresentando a face ao seu amante, recebeu d'elle um ardente beijo. O mancebo retirava-se appressadamente, quando uma creada, que tudo observára lhe suspendeu os passos, dizendo-lhe:—« Meu senhor, sois um pob e impressor, porque das vossas melhores obras tiraes só um exemplar! Isto de creadas...

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

(Continuado da pag. 128.)

COND.—Parece-me melhor acceitar hoje o que offerecemos....

MAR.—*(Voltando-se para o Conde)*. Nunca, nunca!—repito-o. Sou sua legitima esposa e como tal hei de morrer!.... porque não vos anteporeis eternamente entre mim e meu marido!

CONDES.—Vosso marido... d'aqui á uma hora deixa Lisboa, para nunca mais o tornardes a vêr!

MAR.—Grande Deus!

SCENA 6.^a*Os mesmos e Simões.*

SIM.—*(Entrando)*. Com sua licença.... O sr. Fernando d'Avila.

MAR.—Meu marido!. elle!

COND.—Meu irmão!

CONDES.—Aqui!—É impossivel! enganae-vos.

SIM.—*(Ironico)*. Não me engano, não, senhora: fui eu que o trouxe commigo. *(Ouve-se tocar um sino)*.

SCENA 7.^a*Os mesmos e o 1.º Guarda.*

1.º GUAR.—São horas de recolher-vos, senhora.

CONDES. e COND.—*(Com alegria)*. Ah!

MAR.—Ainda não... porque elle está ahi e vem vêr-me!

COND.—*(Baixo, ao 1.º guarda)*. Lembrese que ninguem pôde vêr uma reclusa sem ordem da autoridade competente.

1.º GUAR.—*(Faz signal para fóra e entram dous guardas: á Maria)*. Deveis obedecer ao regulamento da casa, senhora.

MAR.—*(Aos guardas)*. Compadecei-vos de mim, senhores... porque Fernando, o meu Fernando, está ali!. *(Os guardas levam-na até a porta do quarto n.º 5: Maria entra: os guardas retiram-se)*.

SCENA 8.^a*A Condessa, o Conde, Simões, o 1.º Guarda, Fernando e Graça.*

FERN.—Ouvi sua voz!.

CONDES.—*(A' parte)*. Chegaste muito tarde!....

FERN.—Quero vê-la, fallar-lhe ainda uma vez antes de partir.

CONDES.—Fallar-lhe... deixar-vos enternecer por suas lagrymas... por seu falso arrependimento... perdoar-lhe talvez!

FERN.—Perdoar-lhe!

COND.—Isto é esquecer sua vergonha... nossa deshonra..

FERN.—Não, não esquecerei!

COND.—Nem essa noite passada na cama de D. Francisco de Menezes?

CONDES.—Nem seu amor por elle?...

FERN.—O seu amor!—Olhae para mim, minha irmã; vêde este rosto cavado pelas lagrymas, este corço quebrado pelas noites de insomniã.... poderei eu esquecer a causa do meu martyrio?

CONDES.—Mas a que viestes aqui?

FERN.—Dizer-lhe o que a raiva me impediu de dizê-lo ha dez dias! Quero que saiba que parto... que a amaldiçoão... que odeio-a!

COND.—E tuas lagrymas lhe dirão que a amas sempre!

FERN.—Eu!

CONDES.—*(Com ironia)*. Dizei-lhe tambem, Fernando, que D. Francisco não morreu das consequências de sua ferida: á esta nova aposto que ella vos perdoará.

FERN.—Não me falleis desse homem! não me digaes que ella o amou e que ainda o ama!—Ah! eu enlouqueço!

COND.—Segue-nos, Fernando: parte sem vê-la.

CONDES.—O regulamento desta casa é muito rispido: tendes licença para vê-la?

FERN.—Licença!—não sou eu seu marido?

CONDES.—Os guardas não vos conhecem e não hão de consentir que lhe falleis.

SIM.—Perdão, minha Ex.^{ma} sra.: creio que hão de consentir.

CONDES. e COND.—É impossivel.

SIM.—Impossivel?—e esta licença que o papae Graça obteve para o sr. Visconde?

FERN., CONDES. e COND.—Uma licença!

GRA.—Munido de uma procuração do sr. Visconde, servi-me della para obter licença de vêr a reclusa:—não acham?

SIM.—E havemos de vê-la. *(Movimento de cholera da Condessa)*. Guarda, abre o n.º 5.—Não pôde ser? não?.. Bem sei: mas vê este papel.

(Continua.)